

UMA TERRA FABULADA OU DAS CONSPIRAÇÕES EM EDUCAÇÃO

Steferson Zanoni Roseiro¹

Camilla Borini Vazzoler²

Nayara Santos Perovano³

Resumo: Em uma terra (des) controlada em que a máquina capitalística se esforça para assegurar a crise, a meta acaba por ser a própria imobilidade ou o corpo pedante. Mas uma língua conspiracional surge justamente na imobilidade, evocando *memes*, sussurros, fuxicos, gestos, tentativas de fuga e risos. Nada disso é tão nítido quanto em escolas. Conspirando, a professora *criança*, talvez, vire *meme*. Pintando aquilo que nada produzem aos olhos controladores, as crianças *memetizam* a luz da vigília; ninguém ensina isso melhor que elas. A conspiração é expandida ao ponto de sequer lembrar de prestar reverência a quem a cria. Indagando pelo impossível, emerge ao longe um lugar em que nada é inviável. Eis a proposta desse ensaio, aprender, com as escolas, a força conspiracional. Sim, há, nas escolas, vislumbres de uma terra fabulada.

Palavras-chave: Conspiração; escola; educação.

Abstract: In a land (un) controlled where the capitalistic machine puts great effort to assure the crisis, the goal becomes the immobility itself and the pedantic body. Therefore, a conspiring language emerges precisely in the immobility, bringing, in its language, *memes*, whisperers, yokes, gestures, escape runs and laughs. It all shines in schools. Conspiring, the teacher *childs*, perhaps becomes a *meme*. Painting something that does not appears to the controlling eyes, children *memefy* the walking light; no one teaches that better than children do. The conspiracy expands itself until the point of no-bowing to its own creator. Enquiring for the impossible, a land where nothing is impracticable comes at a far distance. Here the proposal of this essay, learn, with the schools, the conspiring force. Aye, there is, in schools, glimpses of a fabled land.

Keywords: Conspiracy; school; education.

*Quem tem relações de merda
só pode
desenvolver uma política
de merda
Comitê Invisível*

Conspirar declaradamente

Que deixemos bem claro: adoramos toda lógica conspiratória, todo sussurro rasteiro espalhando-se à vista de tudo e todos e sendo completamente ignorado. Ou, ainda melhor, sendo ridicularizado, menosprezado. Somos desses que gostamos do riso, das caras e bocas de deboche dos que não acreditam, das gargalhadas altas desenfreadas e contagiantes, das perguntas audaciosas, das discussões, dos abraços, dos choros, das respostas malcriadas.

¹ Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) / Prefeitura Municipal de Cariacica/ES. Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/UFES. E-mail: dinno_sauro@hotmail.com.

² Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/UFES. E-mail: camillavazzoler@gmail.com.

³ Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) / Prefeitura Municipal de Serra/ES. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/UFES. E-mail: nayperovano@gmail.com.

“Quem tem relações de merda só pode desenvolver uma política de merda”. Assim começamos esse texto, junto ao Comitê Invisível (2016, p. 198), e, tal qual o grupo anônimo que pouco se importa se ainda apontem para seu anonimato como falta de veracidade, reafirmamos a sentença sem qualquer preocupação ou estribéis: *quem tem relações de merda só pode desenvolver uma política de merda*.

E as merdas, parecem, são demasiado públicas.

Uma série televisiva norte-americana chamada *Scandal* se empenha, com bravura, para traçar escândalos políticos em que Olivia Pope possa se envolver milagrosamente seja para salvar ou parar piorar ainda mais a situação. E, entretanto, é outra série norte-americana lançada pela *Netflix* que faz o avesso elogio à política brasileira. Em uma postagem no *Twitter* em 17 de maio de 2017, logo após mais uma bomba pública vazar em forma de áudio envolvendo nossa magnificência figura presidencial, é o riso que escapa na postagem oficial do *House of Cards*: sem qualquer preâmbulos, a série televisiva é obrigada a admitir seu fiasco diante da inventividade dos escândalos de nossa política. “Tá difícil competir” (HOUSE OF CARDS, 2017), é o *tweet* postado junto a uma série de *memes* sem limite que espalham um pouco de caos e conspiração na internet brasileira.

Para os demasiadamente daltônicos, a única cor estampada nas publicamente é o branco pútrido da merda bolorenta ou da assepsia eufórica – n’ambos casos, o efeito é o mesmo: desgosto total.

Por isso, com muito afínco, empenhamo-nos em fazer as coisas conspirarem, em espalhar certo terror *desinformativo*. Entramos em um ônibus e, ali, onde tudo tende ao tédio, vemos uma senhora – já exibindo sua grisalha coragem – se revoltar com a tranquilidade dos passageiros apáticos. “Levantem-se e vão para as ruas!”, bradava. E, quando se cansou – ou as costas lhe doeram –, senta-se ao lado d’uma jovem mascadora de chicletes para lhe dizer palavras bobas e breves, mas, decerto, palavras conspiradoras. Sabemos porque o sorriso da menina, ao sair, era travesso em demasia.

Carregava, em si, já o efeito conspirador.

Sim, decerto são as miudezas que produzem conspirações.

Em uma sala de aula, crianças – dessas muito pequenas e muito arteiras – pintam demorada e irrefreavelmente os mais viscosos desenhos de olhos invisíveis. Pintam, pintam, pintam e nada produzem aos olhos controladores. Pintura *improdutiva*, querem clamar o controle, tanto em termos de qualidade, quanto de visibilidade. A professora, por outro lado, dessas sábias conspiradoras, ensinou-lhes a pintar apenas no escuro – ou o escuro –, apenas ali onde a luz não pode ser a da vigília, mas a da lua. Ou, quiçá, ensinou-lhes à pintar a própria luz da vigília rindo, enlouquecidamente, por aprontarem sob a luz negra que a tudo tenta capturar.

Conspirando, a professora *criança* [verbo transgressor direto]. Talvez, vire *meme* e espalhe-se viralmente. Porque, decerto, conspiração e a *memetização* do mundo tudo tem em comum. E, como o pai – deposto ou encosto – dos memes anunciou, quando se planta “[...] um meme fértil em minha mente, você literalmente parasita meu cérebro, transformando-o num veículo para a propagação do *meme* do mesmo modo que um vírus” (DAWKINS, 2006, p. 192, tradução nossa).

Eis, então, nossa fome de conspirar ou *memetizar* o mundo.

No dia 23 de maio de 2017 – outro encosto e, com esperança, prestes a ser deposto – declarava, publicamente, guerra aos memes. “A próxima guerra memeeal será civil[!]”, foi como o *Catraca Livre* preludiou nossa debochada breve vitória conspiratória. Não que tivéssemos efetivamente ganhado algo, mas, ali, na breve notificação que o Planalto se deu ao trabalho de fazer para algumas comunidades do Facebook e páginas de humor, vimos o ultraje estampar a face de nossas políticas de merda; vimos a trepadeira conspiratória coçar o rabo do Planalto.

E a imagem faz-nos risonhos, faz-nos desejantes dessa força avassaladora que dura apenas um milissegundo. A imagem roga, descaradamente, para que conpiremos. Pois o fazemos. Invadamos as escolas às avessas e aprendamos, nesse espaço vívido, as implicâncias da conspiração.

Conspirescola

“Os Estados italiano, espanhol ou brasileiro parecem não ter outra atividade senão sobreviver às avalanches ininterruptas de escândalos”. A frase, saída de um livro-manifesto, parece saída de uma manchete jornalística. Para uns, talvez, seja algo surreal, mas para nós, brasileiros, parece apenas mais uma frase comum dita na rua com um amigo, um colega ou mesmo um estranho. Como subtítulo da nossa manchete fictícia, o Comitê Invisível (2017, p. 28-29) apenas destaca: “Seja sob o pretexto de ‘reforma’ ou por um impulso de ‘modernização’, os Estados capitalistas contemporâneos se entregam a um exercício de autodesmantelamento metódico”.

Sim, a função de autodesmantelamento parece mesmo ter sido ativada. Em nossas escolas, não apenas sentimos esses efeitos no mais imediato palpável das verbas e dos materiais; para muito além e aquém do desmantelamento pela dívida material, parecemos, também, experimentamos um desmonte da vontade, da força de vida: desmontes das crianças que nem sempre são permitidas brincar; das professoras em formação e das professoras muito bem (vulgo: rigidamente) formadas; das famílias que, quando indagadas sobre o que esperam da escola, apenas respondem esperar que a criança chegue limpa, viva e alimentada em casa. O processo despótico parece não ter limites e, se seguimos a pista Maurizio Lazzarato (2017) e de Antonio Negri e Michael Hardt (2014), podemos encontrar, facilmente, o endividamento como ponto em comum com todas essas inviabilidades da vida. Ou, como Lazzarato (2017, p. 53) propõe, “O capitalismo não possui um território em si. Ele se apropria dos territórios para explorá-los e, uma vez explorados, ele os abandona para se apropriar e explorar outros, para abandoná-los em seguida, e assim ao infinito”.

Governam-nos na crise, assegurando a crise e com o intuito de nos lembrarem que *estamos* em crise. A máquina capitalística não hesita em produzir a memória da dívida e da crise para que se assegure de nossa imobilidade, ou, quiçá, nossa pedantismo diante desse vil funcionamento.

O problema é que, quão mais imóvel ficamos, mais aprendemos a ouvir os sussurros que não podem ser ouvidos, mais aprendemos uma língua inusitada, mal falada. Encurralados, encontramos-nos com outros corpos em tentativas de deserção, de fuga.

Justamente aí, aprendemos a língua conspiracional.

Nada disso é tão nítido quanto em escolas. Somos professoras e professores e, entretanto, sabemos bem quando somos temidos, amados, colegas, esquecidos. Os corpos deixam isso em evidência. E, diante dos corpos, alunas e alunos aprendem a criar línguas que vazam as respostas didáticas. Criam piadas, histórias, fazem imitações, lembram doutros personagens. Um corpo marcante sempre acaba por se tornar uma figura *memetizada* pelos estudantes, por aqueles que, porventura, são pegos em ratoeiras.

Noutros termos, diante de toda tática de ratoeira, o corpo descobre que ali, ao seu lado, há outros pegos pelo rabo, há outros tentando sair como que por baixo.

A questão da conspiração não é a instituição do poder, mas, antes, a destituição de tal. “Quem quer que conheça o reverso do poder, cessa imediatamente de respeitá-lo” (COMITÊ INVISÍVEL, 2017, p. 44). De certo modo, esse é o lema de toda conspiração, de toda *memetização*, o desrespeito ao poder.

Daí, talvez, nosso interesse tão ávido por escolas.

Não há corpo que, uma vez dentro de uma escola, não perceba o quanto a vida ali se debate vividamente contra o controle. Se a regra da escola é a não repetição da comida por criança, basta que duas crianças façam acordos inoperantes de partilha ou negociação; se a regra é o silêncio, qualquer pedaço de folha rasgado da última folha do caderno é o suficiente; se esperam da sala de coordenação disciplinar um espaço de torturas, basta ser corpo frequente daquele espaço para tornar-se íntimo daquela sala, para estabelecer conversas amigáveis com as coordenadoras e acabar por criar, ali, amizades infinitas. As imagens-conspiratórias se multiplicam tanto quanto as merdas, quanto as autoridades. E, vivendo uma era de políticas de merda, as merdas são infinitas, mas, para empecilho das cifras dominantes, as merdas reiteram nosso arsenal viral, nossas teorias conspiratórias. Numa sala de aula, uma professora entra com uma camisa confeccionada e, imediatamente, as crianças perguntam: “Tia, por que essa Frozen está tão feia?”. A Frozen, em questão, era uma penosa imagem do rosto de Temer anexado ao corpo da Elza em um duplo de *Let it go* ou de congelamento total.

É bem verdade, como também sabemos, que esse controle é nefasto e se prolifera em todas as instâncias. Não contentes com os espaços que já habitam, criam outros tantos. Há vida asfíxiada tanto numa sala vazia tanto quanto no pátio da escola. Nem por isso, é óbvio, a vida respeita esse poder-controle. “Quem quer que conheça o reverso do poder, cessa imediatamente de respeitá-lo”, diz esse grupo anônimo. E, no ato de desrespeito, há a criação de algo não previsto. Richard Dawkins (2006), quando começa a falar dos *memes* na biologia, preocupa-se com a replicação bem-feita, indaga-se por essa possibilidade da réplica deformada, da réplica mal-intencionada. Já nós, aos modos de conspiradores, não cessamos de replicar erroneamente tudo aquilo que nos dignamos a implicar.

Sim, falamos de uma *implicância* como a criança que implica com outra.

Conspirar e *memetizar* [verbo roubado da biologia geneticista darwiniana] em tudo se aproximam de fazer valer o falso de uma afirmação demasiado verdadeira. A imagem-conspiratória é a memetização que incomoda a governança, o controle cifrado. É a repetição inverossímil – eterna força-simulacro – que incomoda, que faz rachar o bico de uns e o rabo de outros.

E ninguém nos ensina isso melhor que crianças.

Falsificadoras de péssima qualidade⁴, as crianças imitam para retirar daquilo que é imitado apenas um gesto, apenas uma vaga lembrança. Imitam umas às outras, imitam o que não é vivo, o que não é imitável e, no ato, arrancam de nós, estrangeiros desse mundo, um riso que não cabe em nossas gargantas. A teoria *memética* – e não nos referimos a essa biológica, mas à teoria de alto valor de circulação posto campo nas redes sociais – em muito se aproxima da criança travessa, da criança levada. A escola pode tentar arrastar a cópia de má qualidade para a boa pirataria, para as cópias perfeitas; podem até tentar fazer com que os *memes* virem *genes*, mas, para azar deles, muitas histórias de vida, de vida-escola nos arrastam e nos fazem parar tudo. Por vezes, ousamos escrevê-las, tentando dar um ponto no emaranhado de nó em que elas nos colocam e, quando fazemos, chamam-nos de mentirosos, de fictícios, de fabulosos. Ali onde querem ver apenas o controle, a escola fabula mil contrariedades. Porque algumas histórias, decerto, são fabuladas - não, fabulosas! – demais para serem verdade.

É que, porque travessa, a criança em nada depende de quem a quer muito séria, a criança em nada contribui com as estratégias gerais de controle. E, por pura implicância, também nós, professoras e professores, aprendemos a *implicar*, a *conspirar*, a *desrespeitar*. Noutros termos, vivendo ali onde tantos corpos encontram formas cada vez mais poéticas, artísticas e travessas de desrespeitar o poder, a conspiração – ou, melhor, os usos das teorias da conspiração – em muito se valem da indagação inquisitiva sobre as pretensas verdades. Se o simulacro leva não

⁴ E aqui dizemos isso em oposição à lógica mercantil de produção dos falsos altamente semelhantes, dos produtos ditos *piratas* de alta qualidade.

só “a contestar a legitimidade da Ideia, mas também o círculo que ela forma com os pretendentes legítimos” (LAPOUJADE, 2014, p. 52), esses usos das teorias da conspiração fazem com que o imediato faça sentido para além ou aquém do que apenas é sentido.

Conspirar, decerto, é uma questão kafkiana. E, justamente por isso, conspirar tem tanto a função de ligar o desconexo como a de criar uma terra em que essas conexões façam sentido. Por conseguinte, também criar um lugar em que nada disso seja exatamente isso. Indagar o que há de fundamento, mas, principalmente, criar o que ainda não há. *Conspirescola*. A potência do falso (DELEUZE, 2013) não apenas pretende quebrar todo o sistema de julgamento como, ainda, cria um modo de narração que não se prende unicamente ao tempo imediato.

Fabular a terra

Somos professoras e professores em escolas e, ativamente, torcemos para sermos replicados nas histórias, nas conversas, nas aventuras e travessuras pelas escolas. De certo modo, esse é o sentido da conspiração: expandi-la a tal ponto que ela sequer mais lembre de prestar reverência a quem a cria; a conspiração é traiçoeira, mas em um sentido que pode ser compreendido apenas por aqueles que lembram de suas infâncias. A conspiração trapaceia, mas aos modos do riso, aos modos da boa aventura.

Conspira-se e, de imediato, aprendemos, aos modos de Virginie Despentes (2016), a ser mais desejante que desejado, aprendemos que há muito mais força conspiradora do que ouvidos para levarem-nas a sério. E isso muito nos agrada!

Indevida, a conspiração não tem lugar de fala, não tem território de identificação, não clama por um fundo, seja ele qual for. E, bem sabemos, quase ninguém gosta de teorias da conspiração! “Pare de conspirar!”, dizem-nos como quem manda parar de fuxicar. E a conspiração, certamente, em muito tem a ver com os fuxicos, com os boatos, com os mexericos e as fofocas. “Cansei de falar verdades, de apontar erros ou de estar certo”, talvez dissesse um corpo-professora qualquer no final de uma aula em que lhe exigissem tantas verdades. “O trabalho do pensamento não é denunciar o mal que habitaria secretamente em tudo o que existe, mas pressentir o perigo que ameaça em tudo o que é habitual” (FOUCAULT, 2014, p. 217). E pressentir é coisa de tato, coisa de boato que corre solto igual criança com dor de barriga voando para o banheiro. Quem pressente, conspira porque não pode afirmar “ISSO VAI ACONTECER!”, mas, antes, diz sempre “imagina se...”.

Há, na conspiração, justamente essa força mínima que indaga pelo impossível, e, justamente aí, emerge ao longe um lugar em que nada é inviável. Passa-se, aos tropeções, do “imagine se...” para o convite público de desejar outra coisa, de desejar outra vida; inventa-se espaços habitados por meninos que, nessas terras, viram bichos-fêmeas, onde a criança-baleia, o bicho preguiça, as princesas, super-heróis, a criança-zumbi, os dinossauros, e tantas outras, conversam sem parar em uma roda, na qual a professora tenta manter a ordem e o silêncio, mas é, também, levada, como uma onda, pelas gargalhadas, pelas discussões e brincadeiras.

E, se vivemos políticas de merda, qualquer política afetiva, qualquer riso, abraço ou beijo diz de uma política aberrante, diz de uma política desejante. Corpos se amontoam nas escolas rindo debochadamente de todas as tentativas de contenção. Um menino no segundo andar – decerto de “castigo” – grita com colegas no pátio pela janela. Conversa vai, conversa vem e aparece, na janela ao lado do menino, a professora. “Subam logo, pirralhos!”, fala a professora para os meninos lá de baixo.

Há uma conspiração, nas escolas, que inventa terras, que aos modos de Deleuze e Guattari (2011) no roubo de Freud, criam nomes próprios nada nominais, nomes próprios meramente

funcionais. Há nas escolas, imagens que nos convidam a andar com uma câmera e capturar a vida que ela enseja, que ela enseja.

Sim, há, nas escolas, vislumbres de uma terra fabulada.

Referências

CATRACA LIVRE. *Temer declara guerra aos memes e notifica páginas de humor*. Publicado em: 23 de maio de 2017. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/geral/politica/indicacao/temer-declara-guerra-aos-memes-e-notifica-paginas-de-humor/>>. Acesso em: 06 de janeiro de 2018.

COMITÊ INVISÍVEL. *Aos nossos amigos: crise e insurreição*. Trad. Edições Antipáticas. São Paulo: n-1 edições, 2016.

COMITÊ INVISÍVEL. *Motim e destituição agora*. Trad. Vinicius Honesko. São Paulo: n-1 edições, 2017.

DAWKINS, Richard. *The selfish gene*. ed. 30º aniversário. Nova Iorque: Oxford University Press Inc., 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 2. 2. ed. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, Gilles. *A imagem-tempo*. Cinema 2. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2013.

DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. Trad. Márcia Bechara. São Paulo: n-1 edições, 2016.

FOUCAULT, Michel. 1984 – Sobre a Genealogia da Ética: um Resumo do Trabalho em Curso. In: MOTTA, Manoel Barros de. *Ditos e escritos, volume IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

HOUSE OF CARDS. Twitter. 2017. Disponível em: <<https://twitter.com/houseofcards/status/864992970994368512>>. Acesso em: 24 de janeiro de 2018.

LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. Trad. Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2015.

LAZZARATO, Maurizio. *O governo do homem endividado*. Trad. Daniel P. P. da Costa. São Paulo: n-1 edições, 2017.

NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. *Declaração: isto não é um manifesto*. Trad. Carlos Szlak. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2014.